

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 9

Gloria in excelsis deo.

Como sois grande, meu Deus!—como são insondaveis os vossos designios!—como apoz da tormenta vem o dia bonançoso!—prostrados sobre a terra, nada, pó—trevas, cahos, ignorancia—como ao simples aceno se transforma tudo!—*fiat lux*—dizeis vós—*marabilia et lex et ordo apparet!*

Bemdito sejaes, meu Deus!—morta—sepultada—anniquilada na voragem dos tempos—sem a ultima esperanza.... *et lex et ordo apparuit!*

Viva, viva para gloria desta terra, que lhe deu o ser!—*viva, viva* para orgulho da patria e dos vindouros!—*viva, viva* para espelho das nações!—*est hic, resurrexit lex et ordo!*

Como se confrange o peito!—como se dilata a alma!—que doces illusões!—como é realidade a vida, como se crê, como se ama, como se idolatra a illusão perdida!—*bemdito sejaes, meu Deus— a Lei e Ordem reappareceu!*

Imã querida, a vossa missão é nobre; cumpri-a e jámais vos affasteis d'entre nós; vede os perigos, que nos rodeiam; plantai as boas doutrinas e desenvolvei vossos elevados pensamentos; combatei o crime e as negras paixões dos discolos; e em tom claro e preciso, e com toda a força dos pulmões restabellecei o principio da auctoridade, e com franca energia combatei os assassinos da honra alheia!!

Mas ah!... que illusão a nossa!... Vós não sóis a *Lei e Ordem viva*... sóis a *Lei e Ordem morta*, que vos não accitaram nas profundas do inferno!... sois um phantasma, uma sombra—o *corredor*, trasido pelo tufão e pela borrasca a expiar os vossos crimes!

Que maldicto não sois!—que horroroso castigo!—vindes censurar e exprobar no rosto o ente que vos deu o ser, que vos afagou ao peito, e vos deu de comer!—que maldicto não sois!

Falla o *corredor* «Juiz, para que me desteis o ser?—para que me não creasteis para Deus?—porque nos não ensinasteis a doutrina de nossos paes? para

que nos excitasteis as paixões, e não nos reprimisteis as propensões?—genio do mal;—é a vós, que vos devo o ter insultado, e calumniado a auctoridade!—fosteis vós que nos mandasteis manchar a honra do innocente com crimes que só a vós vos pretenciam!—mandasteis-nos, profanador dos lares domesticos, entrar pelas portas dentro contar os garfos e os trapos e assoalhar no publico a vida intima das familias!—mandasteis-nos fallar na vida dos mortos, revolver-lhes as ossadas, e prostituir-lhes as cinzas!—sois uma vibora, que atigasteis os odios e paixões dos vossos administrados!—não vos defendesteis e semeasteis por toda a parte o odio e a colera entre irmãos!—não fosteis pai, fosteis um algoz, um tyrano, um perseguidor do genero humano!

«Eis os fructos, que colhemos das más doutrinas, que nos ensinasteis, da má educação que nos desteis e dos odios que mandasteis que semeassemos—eis a sorte, que vos espera!—vinde connosco.»

E palavra não era dicta;—a tempestade mugiu; o relampago estallou, e o *corredor* fugiu por entre a escuridão!

Eis a historia da *Lei da Desordem*; é um fugitivo dos carcereos, com a vida do *corredor*, que vagueiando pelo espaço, vida amargorada, espera pelo relampago para lhe incendiar a casa e desaparecer!

E desaparece sem se poder dar a conhecer:—é lei fatal, que lhe impoz o *corredor!*

CENHA OZORIO

DEVER DE PAI PARA COM O FILHO.

O amor dos pais aos filhos, quando elle é verdadeiro, posto que extremoso, não consiste em concordar com elles em todas as suas vontades, antes ao contrario em as reprimir e contrafazer; e aquillo que muitas vezes parece severidade e rigor é o que mais convém aos mancebos, e por onde começam a habituar-se a praticar a virtude. D. João de Castro conhecia perfeitamente este dever de Pai, por isso quando foi nomeado para a India, e determinou levar seus filhos, para

os habituar desde logo ao caminho austero da vida para que os destinava, começou por cortar-lhe algumas galas, das que pedião a profissão e os annos: acção que á primeira vista parece severa; mas que foi de tanto apreço para D. João de Castro, como de utilidade para seus filhos. Eis como o escriptor da sua vida refere o caso:

Passando D. João a caso pela jubilaria (rua dos Algibebes em Lisboa), vendo estar penduradas umas calças d'obra, parando o cavallo, perguntou «de quem erão?» tornando-lhe o official, «que as mandára fazer D. Alvaro filho do Governador da India;» pedio D. João de Castro uma tesoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: «Dizei a esse rapaz, que compre armas.» Não lemos que fósse mais exemplar ou austero a disciplina dos antigos Romanos.

Esta foi a primeira lição que D. João de Castro deo a seus filhos, á qual se seguirão muitas outras, acompanhadas todas do exemplo, e corroboradas com os bons conselhos; de uma só faremos memoria, em que se vê bem qual era o coração magnanimo d'aquelle heroe, que sabia tão bem empregar os deveres de Pai em proveito da Patria, e do Rei a quem servia. Eis como elle fallou a seu filho quando o mandou com o reforço a Diu:

«Eu vos mando, filho, com este socorro a Diu, que pelos avizos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos; pelo que toca á vossa pessoa não fico com cuidado, porque cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho. Encommendo-vos, que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido que herdastes, accordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens diferentes; e lembre-vos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixarão nossos maiores, *morrer gloriosamente pela Lei, pelo Rei, e pela Patria*. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhál-a.»

Maravilhosa lição foi esta, que o filho

tanto á letra soube cumprir, deixando um exemplo de valor,

Que do mundo os mais fortes igualava:
Que de tal pai, tal filho se esperava.

RASGO DE HUMANIDADE.

FRATICADO POR AFFONSO D'ALBUQUERQUE.

N'uma das occasiões em que Affonso d'Albuquerque cruzava com a sua armada nos mares das Indias, sobreveio tão horrenda tempestade, que as náos se esgarrarão, e perdêrão vista umas das outras; a propria Capitania abriu agua, e começava a afundir-se; e como fosse noite, grande a escuridão, as refrêgas, o granizo, os trovões, os raios mui amiudados; perderão aquelles coitados toda a esperança de salvamento, e só gritos, votos, rezas, com que rompião o Céu pedindo misericórdia, é o que se ouvia entre lagrimas e soluços.

O coração se partia de dôr ao generoso Albuquerque por não poder a todos acudir, e a todos salvar; mas reparando n'um menino, que a correnteza da agua, embatendo no costado da náos, levava quasi de mergulho, deitou-se elle mesmo ao mar para o tomar sobre os

hombros, até vir de outra náos quem lhe acudisse; e era seu dizer: «Que fiado na innocencia d'aquelle infante, e benignidade de Jesus Christo, esperava salvar-se.» E estavam neste trance, quando de outra náos chegou uma lancha á força de remos á Capitania, e trouxe a seu bordo a Affonso de Albuquerque, o menino que elle ainda conservava a seus hombros, e alguns outros que com elle poderão salvar-se.

NOTICIARIO

Exposição do Hospital—Esteve immensamente concorrida a exposição do Hospital. A villa despovoou-se e tudo que havia de melhor allí se encontrava.

Era real;—tinha corrido, que eram importantes os melhoramentos, que se tinham feito na *Cerca*, e a isto, junto a outros melhoramentos, não menos importantes, que se tem operado em todo o edificio do hospital e ainda o louvavel desejo de ver os doentes e o arranjo interno da casa,—concorreu para incendiar a todos a abraçar-se allí em amplexo fraternal.

E assim devia ser; a casa é de todos, e todos tem allí uma taboa, para a qual com respeito devem olhar, attenta a variabilidade da sorte humana!

Na *Cerca* havia um leilão á *maricota*, que sinceramente reprovamos, que deu ori-

gem a um pequeno *desaquisado*.

Não foi nada, mas podia dar origem a desintelligencias graves e rivalidades entre paisanos e a força armada.

Salva as justas intenções dos que mandaram, tambem não julgamos, a proposito, no local, as bandas de musica, que tocaram.

Entendemos, que o sr. administrador do Concelho é muito feliz pela maneira, como pretende resolver algumas questões;—a sua arma favorita,—a da razão, e a mais convincente, é o *socco*, que, um dia, ha-de produzir o effeito contrario.

Uma encomenda do conselheiro ministro—Logo que o *conselheiro ministro* mudou para a sua casa de Vessadas, aconteceu pretender ir ao Porto o official Moreira. Para ir pediu licença, que graciosamente lhe foi concedida, aproveitando logo a occasião o conselheiro ministro de lhe fazer *uma encomenda*.

Consistia ella em *um capacho e seis esteirões*, e para não esquecer foi escripta em um papel.

Como cada terra seu uzo, cada roca seu fuzo, entendeu o official, á face do bilhete, que o *capacho* era a esteira que se lança á entrada das portas para limpeza do calçado, e que os *esteirões* erão ceirões, que servem para agasalho das pernas e dos pés durante o frio e o trabalho.

Para que se não enganasse, consultou no Porto o procurador do *nosso conselheiro*, que concordou com exposto, e como não houvesse obra bem feita, mandaram encomendala aos presos da Relação.

Chegou satisfeito de si o official, mas ainda sem a *encomenda*, mas logo que che-

FOLHETIM

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

A *Suissa*, ou *Confederação Helvetica*, cuja formá de governo é republicana, desde que em 1307 se constituiu independente d'*Austria*, graças ao patriotismo acrisolado de *Guilherme Tell*, compoem-se de 22 cantões, 9 dos quaes são catholicos, 7 protestantes, e 6 tem quasi tantos Catholicos, como protestantes: mais claro, $\frac{11}{22}$ da população d'esta Republica são Catholicos, e $\frac{11}{22}$ são protestantes.

Professa unicamente a religião Catholica a população dessa vasta região da America, que outr'ora pertenceu á Hespanha; mas que hoje, independente d'ella, se acha dividida n'uma multidão de Estados, cuja forma de governo é a Republica.

Nessa colossal e poderosa Republica, denominada *Estados Unidos da America do Norte*, que occupa uma area pelo menos de quinhentos e vinte milhões de hectares, e que se estende de 25 graos a 52 de latitude Norte, e de 70 a 127 graos de longitude Oeste, cuja população talvez hoje eguale, senão exceda a da França, se a maior parte dos seus habitantes segue varias religiões, tambem uns poucos de milhões delles professão o catholicismo.

Concluo pois, Compadre, do que deixo expellido, e de outros mais exemplos, omitto, para me não tornar prolixo, que nem o catholicismo é opposto ao regimen republi-

cano, nem essa forma de governo politico, com que, como sabe, antipathiso, é incompativel com elle.

Não o entenderão porém assim os *maltrapilhos canibae*s da communa de Pariz, nem o entende tambem a maior parte dos republicanos da nossa infeliz vizinha Hespanha; porque quer uns, quer outros, fizerão, e fazem uma guerra de morte ao catholicismo. Qual será o motivo dessa crua guerra? Será por cauza do 7.º preceito do *Decalogo*, que a cada passo allí se infringe! Senão é, parece-ó.

No seculo 7.º como meu bom Compadre não ignora, inficionou todo o Oriente, patrocinada pelos Imperadores, uma herezia, cujos seguidores se denominavão *Iconoclastas*, isto é, quebradores das imagens; porque não só destruíão as que estavam nos templos, como negavão o culto de dulia ás imagens dos *Anjos*, e dos *Sanctos*, e o de hyperdulia a *Maria Santissima*.

Em 787 imperando no Oriente *Constantino* 6.º denominado *Prophyrogeneto*, em razão de seu pae lhe haver vestido no berço a purpura, e junctamente com elle sua mãe *Irene*, de combinação com esta Princeza convocou o Papa *Adriano*, o segundo concilio de *Nicea*, e septimo ecumenico, no qual forão condemnadas as actas do de Constantinopla, e os erros dos *Iconoclastas*.

Ainda nos seculos 12 e 13 os hereges *Albigenses*, que professavão os erros dos *Menicheos*, *Potrobuzianos*, e *Valdenses*, fizerão reviver a mesma perseguição ás sagradas Imagens.

Talvez o Senhor *Ecce Homo*, que se venera em *Caminha*; a do Senhor de *Bouças*, que se venera em *Mathozinhos* junto do Porto, e e outras mais, que a tradição diz, que forão

arrojadas pelo mar ás nossas praias, sejam do numero das que a piedade dos Fieis, rezidentes no Norte da Europa, onde mais arde a sanha desses hereges, subtrahiu ao furor e desacato desses impios.

Nota, Compadre, que de 6 em 6 seculos se renova essa perseguição: começou no 7.º seculo, renovou-se no 13, e agora no 19 revive outra vez; porque, em muitas partes da nossa vizinha Hespanha não só tem sido desacatadas as sagradas imagens, como tem sido apeadas das Igrejas, e dos lugares, onde a piedade dos Fieis as havia exposto á veneração do publico.

O mal é contagiozo, e parece, que já lavra por cá. O grande numero de Imagens, que havia no ex-convento de *Marvilla*, junto a Lisboa, foi por ordem do respectivo administrador transportado para o Paço de S. Vicente, residencia do Exm.º Cardial Patriarcha; e como ajuiza, que forão conduzidas essas sagradas Imagens, Compadre? Empalhadas em carros, como melancias! Pelos geitos não occorreu ao Exm.º Patriarcha outro modo mais decente de as transportar! Isto tem dado muito, que fallar. E depois gritão contra a irreverencia das couzas sagradas, e são os primeiros, que se mostrão irreverentes. Se não é uma *Corte celeste*, que se pertende fundar no Paço de S. Vicente, pelo menos é um *Pantheon*: o que em Roma fundou *Agrippa* no tempo d'*Augusto* era consagrado a *Jupiter Vindicator*, o de S. Vicente é dedicado ao Exm.º Patriarcha, que, no dizer dos gaiatos, poz os Santos de *Marvilla* na 3.ª secção.

Avania, Compadre, é um termo classico da nossa lingua, pouco uzado hoje em dia, embora haja muito quem pratique, o que

gou, e viu o primoroso da arte, arrebatou de contente, sem saber a que lhe estava esperada.

Orgulhoso e cheio de si o official, e conservando certo ar de importancia apresentou-se com a *encomenda ao truão* de Vessadas, que logo que a viu, e que não era o que queria, mas o inverso, na ordem trocada, *seis capachos e um esteirão*, prorompeu em improperios contra o official:—*a zina chegou ao seu zenith*. Maldicto, quem te mandou cá trazer isto?—cuidas, que vou negociar em ceirões?—anda, anda, tira-os, d'aquí e leva-os já para casa disse o Zina.

Por muito favor deixa ficar um e os outros guarda-os, já que és tão esperto.

Debalde, se quiz explicar o official:—debalde lhe quiz mostrar o bilhete escripto pelo proprio punho d'elle Zina;—debalde lhe quiz dizer o que tinha passado com o seu procurador no Porto.

Foram inuteis todas as tentativas para lhe fallar;—mal abria o bico—malcreado atrevido—malcreado, atrevido petulante, era o que tinha em resposta sem poder fallar.

Sem poder tugar nem mugir lá agoentou o pobre official com os ceirões ás costas sem lhe dar tempo para os mandar buscar:—*que bellos cortiços d'avelhas!*

Ora digam-nos cá, se o pobre official perdesse a paciencia lhe lançasse as mãos á garganta, e lhe fizesse lançar palmo e meio a lingua pela bocca fóra, seria mal feito?—teria culpa?—*diabo nos leve, se não eramos capazes de lho fazer.*

Como se abusa da auctoridade—Com vontade ou sem ella, lá foi para Espozende um official de diligencias, apromptar

o jantar, que deu o juiz aos seus convivas. Quando ultimamente, aqui passou El-Rei, tambem o juiz ordenou, que um dos officiaes de diligencias, o acompanhasse na boleia, e elle lá foi de luva branca feito lacaio. Quando, se apresentou de carro ás portas do tribunal da camara para d'ahi sair para a igreja e incorporar-se no prestito da procição do *Corpo de Deus*, tambem o acompanhava de capa e volta, indo na boleia, um official de diligencias! Ora, não seria melhor figurar menos e apresentar-se com mais dignidade!—não abusar do poder!—

Bem se diz, *quem o alheio veste na praça o despe;—hoje um figurão com lacaio prestados, e amanhã um pelinirão, sem elles ou de pé descalço!*—assim vai o mundo.

Patuscada—No sabbado passado, como dissemos no ultimo n.º, foi o juiz a Espozende fazer a *correição*, mas o que ainda talvez ignorem é que levou consigo todos os seis escrivães desta comarca, e que por isso entendeu, que não devia passar a vara como não passou. Ora se *alguem* quisesse n'esse dia *protestar uma letra, fazer um embargo, ou outro qualquer serviço extraordinario ou de ordem superior*, como havia de ser?—aqui anda *patuscada ou deboche?* expliquem-nos para nos tranquilisarem a consciencia!

Contribuição Industrial—Ha grande effervescencia nos Açores e os povos de S. Miguel, e as camaras municipaes representaram ao governo pedindo-lhe a mudança da ordem de terras na *contribuição industrial*. Para este fim tinham-se reunido as commissões em casa do proprio governador civil de Ponte Delgada.

Na verdade é insupportavel, é monstruosa

a tal *contribuição industrial*. Em outras epochas o administrador deste concelho, como presidente da camara representava contra tudo, e estava-se tão longe deste estado como do céu á terra,—hoje tudo vai bem, já não ha mal nas batatas, nas vinhas e nos castanheiros;—já se não pagam derramas para as camaras, para os expostos, para os parochos, para as juntas de parochias etc. etc. etc.

Em outra epocha berrava, que cortava o coração, contra a contribuição predial e industrial, que quasi se não sentia,—agora, que não só pagamos tudo isso, mais ainda, o dobro e tresdobro na industrial, cinco ou seis mil réis em cada pipa de vinho, no arroz, no azeite, na carne, nas bebidas alcoolicas etc. etc. já o povo pode e deve pagar mais.

Existem escriptas no *Barcellense* pelo actual sr. administrador as maiores diatribes contra o governo da Regeneração, como o mais obnoxio ao paiz, agora, que nos esfolha vivos, que nos tira a pelle e a carne, já tudo vai bem: *o povo póde e deve pagar mais.*

Arrebatem-no, esmaguem-no, para ver se assim saciam essa negra ambição.

Hoje, um barbeiro paga de cinco a seis mil réis e toda a sua fortuna, levada para a praça não chega a essa quantia!!

E isto não vê o actual administrador do concelho, nem a camara, sua dilecta, a quem a Lei faculta ou recommenda, que façam sentir ao governo a mudança da ordem das terras, mas que não querem, porque entendem, *que o povo póde e deve pagar mais.*

É impossivel pagar-se a actual *contribuição industrial*, porque, ninguem paga o que não póde, nem tem.

elle exprime; e quer dizer vexação, que os Turcos fazem aos Christãos, e aos de outras religiões, para lhes extorquirem dinheiro.

O *Manel Zé Zina*, cuja avareza é insaciavel, e que é mais sequiozo de dinheiro, do que o hidropico de agua, não pensa, senão em praticar *avarias* judiciais, para extorquir dinheiro ás partes, que tem a desgraça de lhe requererem justiça, ou o que o direito lhes dá; tergiversa, uza de tricas, e protela os pleitos, unicamente com o torpe fim de tornar lucrativo o cargo. Nisso é elle insigne, é a sua especialidade, no mais é um *fantoccino*, como dizem os Italianos, e nós os Portuguezes um *basbaque*, que só por um excisivo capricho da fortuna podia chegar a ser magistrado!

Aquelle *vistos os autos vê-se*; o quezito se a *detonação do tiro* prejudicou ou não as tronxudas, e outras coartadas e flores de Rhetorica eguaes, são o dinamómetro da capacidade intellectual do *banzola* de Sinfães.

É peizo, Compadre, não confundir *avarias*, com *concussões*, nas quaes elle tambem é insigne. Exigir de muitos réos, envolvidos no mesmo crime, uma fiança privativa para cada um, havendo fiador idoneo e abonado, que afiance todos, como aconteceu aos de *S. Paio do Carvalho*, e a outros muitos, é *avania*.

Obrigar o inventariante a separar bens para pagamento dos acredores, quando estes a isso se oppoem, ou sendo intimados, o não requerem, é *avania*.

Mandar proceder a justificações desnecessarias, lavrar termos superfluos, e passar mandados ociosos, é *avania*; porque é vexar as partes para lhes extorquir emolumentos. Por não ter agora á mão a arte de furtar

do P.º *Antonio Vieira*, deixo de mencionar o nome, que elle dá ás unhas do *Zina*, que tudo isto pratica.

Levar emolumentos e salarios de dois actos, quando a Lei só manda, que se percebão de um; leval-os daquelles actos, que a Lei manda, que sejam gratuitos; ou maiores do que marca a tabella, é o que se chama *concussão*, crime severamente punido pelo código penal, e em que o *Zina* tantas e tão reiteradas vezes tem incorrido, e de que tão conscio está, embora com a maior desfaçatez lhe chame *equivocos*, que não só *viciou* autos para occultar esse crime, como tambem forçado pelo clamor publico já tem mandado fazer *restituições*, termo, que exprime bem o acto, e de que elle mesmo se servia, quer por escripto, quer verbalmente. Ninguem *restitue*, se não o que usurpou ou furtou; porque se pratica um equivoco, repõem ou devolve aquillo, em que se enganou; dizendo pois, que *restitue*, clara e expressamente confessa, que furtou. Isto parece não admitir contestação nem duvida, por ser liquido e corrente.

Com quanto o *Zina* seja a todos os respeitoos o rebutalho e escoria da magistratura Portugueza, e que difficilmente se encontre um, que o iguale nas torpezas; com tudo, para se vedar a pratica de *avarias*, e *concussões*, seria mui conveniente, que os magistrados judiciais fossem pagos pelo Thezouro Publico, como se pratica em outras Nações.

Impugnação alguns este alvitre, allegando, que se forem subsidiados pelo Thezouro, a certeza dessa razão os faria preguiçosos, deixados e remissos no cumprimento dos seus deveres. Ao meu ver, o allegado não destrue o acerto do alvitre proposto; e de mais, se se teme, que succeda isso, além de

infinidade de meios, que se podem empregar, taes como syndicancias annuas, ou biennaes, exigencia de mappas mensaes & acabe-se de uma vez com a *inamobillidade*, que é a cauza principal, e talvez unica, que fomenta o desaforo do *Zina*, e de quantos *Zinas* ha ou podem haver.

Quem diria, Compadre, que esse *sona e basbaque*, que dizia quando ahi chegou, que o que mais sentia e estranhava, era não haver em *Barcellos* uma casa de *Fidalgos*, onde podesse ir passar a noite, se havia depois de associar, de socorrer-se, de conviver com uma *pleiada* de patuscos, como esses, a que se associou na redacção da *Lei da Desordem*; elle, que só queria conviver com *Fidalgos*, conviver agora com a *ralé* mais infima e lazarenta dessa terra? Elle, a quem eu conheci lorangeira, e tão lorangeira, que uzava de *sacco* em Coimbra, querer dess'arte inculcar-se a quem, que vem d'algures, como se *Sinfães* fosse no *Hindostão*, e não nas brenhas do Douro, que fica distante dessa, quando muito 15 leguas!

Não vejo nada a que melhor compare a vaidade louca, e fôfo orgulho desse *papalvo* villaco, como a essas bolhas de sabão, que o menor e mais leve contacto desfaz. He um *patarata* tolo, que ouzou tomar como servilismo, como homenagem á sua prozopopêa, as atenções com que ahi o tractarão, quando chegou; agora que tenha o desengano devido.

Seu compadre e amigo.

De alguns effeitos de musica

A mulher é uma origem de impressões irresistíveis de que em todos os tempos souberam tirar partido os homens que se dedicaram á divina arte. Para o provar não é preciso remontar aos tempos fabulosos de Amphião e de Orpheu; basta citar alguns factos historicos em que se vê a melodia exercer um energico poder, tanto sobre o moral como sobre o physico. Nem toda a gente porém goza do privilegio de ceder ás emoções que ella inspira: ha até pessoas, aliás bem dotadas de coração e de espirito, que confessam não ser mais sensiveis aos encantos da musica do que ao chiar do eixo de um carro, que roda na calçada. Em compensação existem outras de quem se póde obter tudo por meio da musica. Timotheo inspirava a Alexandre toda a especie de paixões, por meio das melodias; Saul, dominado por uma terrivel melancolia, libertou-se d'ella pelos accordes da harpa de David; Homero conta que os medicos fizeram mitigar pela musica a cruel dor que Ulysses soffria em resultado da ferida que um javali lhe fez. Finalmente sabe-se que era ella que elevava a alma dos poetas ou dos prophetas da antiguidade.

A musica não perdeu nada do seu prestigio ao atravessar a sociedade christã. No decurso dos XV e XVI seculos reinava uma tão cruel vertigem entre a população de Italia, que as pessoas affectadas caiam logo n'um extremo abatimento, acompanhado de delirio e de um desespero que conduzia ordinariamente ao suicidio. Esta epidemia espalhou-se por todas as classes da sociedade italiana. Atribuuiu-se injustamente esta molestia á mordedura da tarantula, especie de aranha muito commum no meio dia da Italia. Como quer que fosse, o unico remedio consistia em tocar instrumentos musicos, segundo os gostos de cada doente. Aos primeiros sons os doentes reanimavam-se, prestavam attento ouvido e começavam a seguir, em movimentos cadenciados, todas as modulações do instrumento; á maneira que a musica se tornava mais animada, mais rapidos se iam tornando os movimentos do doente, que acabava por se entregar a uma dança desordenada. Suspendiam-se os sons do instrumento, cessava toda esta agitação, mas então renovava-se o abatimento com todas as suas funestas consequencias. Era indispensavel continuar a musica até que os doentes exaustos, caissem. Neste instante apossava-se d'elles um somno delicioso, depois do qual ficavam restabelecidos.

A Alberto, duque da Baviera, filho de Frederico, passavam as dores da gota, com a musica. Gessner cita um italiano que se achava nos mesmos casos.

Dodard, da academia das sciencias, refere o caso de um musico atacado de delirio voltar á razão todas as vezes, que ouvia musica; aos primeiros sons das cantatas de Berrier, cessava-lhe o delirio e bem depressa uma torrente de lagrimas vinha a coroar a transformação. Conhece-se tambem a historia de um celebre improvisador de Florença que ás vezes não podia produzir uma só estrophe sobre um assumpto dado; ou fosse capricho ou má vontade, havia dias em que o improvisador não produzia um verso; mas se tinham o cuidado de chamar o musico Nardini, este tinha tal arte de exaltar, tocando certas arias de rebecca, a imaginação do im-

provisador, que lhe restituia ou lhe tirava á vontade, a sua faculdade de improvisação.

Rousseau falla de uma senhora em quem a musica excitava riso involuntario.

Não são só os homens que se deixam dominar pela melodia. Toda a gente sabe a excitação que os sons do clarim produzem nos cavallos. Bernardin de Saint Pierre refere que as aranhas saiam dos cantos de uma sala onde ás vezes se executava musica para se approximarem do instrumentista, e que não voltavam para as suas teias senão depois da musica ter cessado. Sir Home estudou os effeitos do piano sobre o leão e o elephante; reconheceu que toda a attenção d'estes animaes estava concentrada nas notas agudas d'aquelle instrumento, e que se enfureciam quando se fazia vibrar as graves. Uma experiencia do mesmo genero foi feita em Paris, no anno VI, em dois elephantes, macho e femea; uma orchestra composta de bons musicos executou diferentes peças; a primeira impressão que manifestaram foi a da admiração; em seguida mostraram toda a satisfação, que a musica lhes produzia.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTOS

Maria do Rozario Viuva, d'esta villa, não podendo pessoalmente como desejava, agradecer a todas as pessoas que lhe fizeram a honra de a visitar, acompanhar e assistir ao responso que no Semiterio da St.^a Caza, se fez pela alma de seu fallecido marido Domingos José Lopes, e bem assim aos ill.^{mos} snrs. Phylarmonicos que gratuitamente tocarão ao mesmo responso, a todos agradece e protesta seu eterno reconhecimento.

Maria Analia Pinto de Souza, Adelaide Carlota de Souza e Laura Adelaide da Silva, residentes na freguezia de Barcelinhos, agradecem a todos os ill.^{mos} snrs. que se dignaram comprimental-as, e assistir ao officio de sepultura, que teve logar na igreja da mesma freguezia, em a noite de 13 do preterito, por alma de sua finada filha, sobrinha e prima, Anna Albertina de Jezus Calheiros, e bem assim a todos os rev.^{mos} snrs. ecclesiasticos e mais pessoas, que por essa occasião lhes prestaram gratuitamente seus serviços, merecendo menção especial os snrs. João Emilio de Souza Caravana, padre João Fernandes e Domingos Figueiredo, protestando a todos seu reconhecimento e indelevel gratidão.

A meza da irmandade da Senhora da Graça, d'esta Villa, convida os seus

irmãos, para domingo, 13 do corrente, pelas 3 horas da tarde, na Collegiada desta Villa, se proceder a nova eleição, visto haver sido anulada pelo conselho do Districto, a que anteriormente se havia procedido.

O Juiz—Joaquim Pinto Pacheco

AVIZO AO PUBLICO

Custodio da Cunha Bandeira

Aviza aos seus amigos que se acha n'esta Villa, no largo das Fontainhas, com estabelecimento de carros para fretar, e quem com elle quizer tratar para qualquer parte que hajão estradas proprias, quer por frete, quer por passageiros, queira dirigir-se áquelle local.

MACHINAS DE COSTURA DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis. (3)

PROCURAÇÕES

Vendem-se, no Campo da Feira, loja do sr. Pena Junior.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 560 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 80 por cento;—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja de interesse publico será inserida gratuitamente.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.